



Condições de sobrevivência são precárias nos acampamentos habitados pelos sem-terra em Brazlândia

Condições de vida são precárias

O grupo de sem-terra que está acampado próximo a Brazlândia já peregrinou por diversas áreas rurais do Distrito Federal. Há cerca de um ano, ele invadiu a Fazenda Dois Irmãos, de onde foi despejado. Sem local para produzir, os sem-terra migraram para a região do PADDF (Programa de Assentamento Dirigido do DF), onde invadiram a Fazenda Poço Claro, do deputado Luiz Estevão. Despejados novamente, transferiram-se para Planaltina, de onde rumaram para a zona rural de Brazlândia.

Em 54 barracas de plástico, os sem-terra estão acampados a menos de 500 metros do Rio Descoberto. No entanto, temendo represálias, não apanham água no rio nem para beber. Abriram um poço na várzea, de onde tiram água para cozinhar e

lavar roupas. As crianças, barrigudas, brincam em meio à poeira e dormem em colchonetes estendidos no chão.

segundo o agricultor José Martins, de 31 anos, um dos líderes do grupo, eles recebem ajuda de integrantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e de entidades assistenciais. "O pouco dinheiro que tínhamos foi gasto com o nosso transporte. Agora, vivemos da caridade dos outros", conta Antônio Pereira Magalhães, o "Tonicão", integrante do grupo.

A área ocupada pertence ao Governo do Distrito Federal, está localizada perto de chácaras de plantação de hortaliças e frutas e próxima a um desmatamento de eucaliptos.

O grupo de sem-terra que está

em Monte Alto (GO) partiu da localidade de Chapadinha, perto de Brazlândia. Os trabalhadores rurais já começaram a plantar uma horta comunitária a fim de colher hortaliças para consumo próprio. "Estamos aguardando uma solução do Incra, que prometeu assentar as famílias em local próximo ao acampamento", assegurou o agricultor Amival Barbosa da Costa.

Embora também estejam vivendo em condições precárias, os sem-terra de Monte Alto são abastecidos duas vezes por semana por um caminhão da Caesb. Eles estão acampados no meio do cerrado, longe de qualquer fonte de abastecimento d'água. "Contamos com a boa vontade do Incra para sair do regime de escravidão em que vivíamos nas fazendas alheias", disse Amival. (J.V)